

Editorial

A busca por maior compreensão para as diversas questões pertinentes ao relacionamento conjugal está sempre presente nos profissionais que trabalham com casais. As mudanças que continuamente acontecem na sociedade provocam desafios, exigindo que ele sempre mantenha atualizadas a teoria e técnicas que utiliza. Da mesma forma, essas questões perpassam pelo sistema familiar ampliando as reflexões e questionamentos sobre elas.

Diversos estudiosos têm se dedicado a pensar sobre os possíveis caminhos que o homem ainda não conhece, e que se prepara para atividades que ainda irão surgir. Assim, é um constante surgir de pensamentos e comportamentos com os quais estamos sempre envolvidos, de uma forma ou outra.

Nesta edição da Pensando Famílias encontram-se pesquisas e revisões bibliográficas abordando temas que estão sendo vividos na atualidade, muitos deles com sugestões de seus autores para que sejam desenvolvidas e/ou aprimoradas.

Magda Pozzobon, Juan L. Linares, Irani I. de L. Argimon, Olga G. Falceto e Angela H. Marin brindam-nos com a tradução para o português e a adaptação semântico-cultural do “*Cuestionario de Evaluación de las Relaciones Familiares Básicas (CERFB)*”, de J. L. Linares e sua equipe. A finalidade deste questionário é avaliar o clima relacional familiar em seus aspectos cognitivos, emocionais e pragmáticos, tendo em vista a conjugalidade e a parentalidade. Foi um trabalho cuidadoso realizado por profissionais competentes. Os autores referem que essa foi uma etapa inicial que se mostrou adequada e satisfatória, o que estimula novos estudos para efetuar pequenos ajustes na tradução e validar o instrumento para a população brasileira.

Heranças psíquicas geracionais e a conjugalidade nos dias atuais é um tema sempre atual. Eliza C. da Silva, Raquel da Rocha, Sueli T. Bobato, Ana P. S. Becker e Nathália Lorenzetti realizam uma revisão da literatura utilizando várias bases de dados. Os resultados obtidos evidenciam diferentes percepções dos homens e das mulheres sobre o casamento sofrendo as interferências das heranças geracionais e transgeracionais no estabelecimento do vínculo conjugal.

Eloisa B. Barbiero e Silvana T. Baumgarten escrevem sobre a conjugalidade e sua redefinição frente à chegada dos filhos, assumindo, então, a função parental. Refletem sobre a complexidade desta transição que exige muito amor, diálogo, parceria e compreensão para que este processo, mesmo que trabalhoso, seja gratificante e saudável.

A organização de famílias monoparentais chefiadas por mulheres e como as questões de gênero aparecem nas intervenções em terapia familiar são apresentadas por Fabiana Verza, Marli K. Sattler e Marlene N. Strey. Elas referem que o destaque feminino na chefia de uma família envolve aspectos sobre a vida social, afetiva e profissional das mulheres e perpassa pelas questões de gênero. As autoras apontam a necessidade de investir em projetos de prevenção e intervenção, ampliando o foco do trabalho terapêutico além do atendimento privado, a fim de atingir um número maior de famílias nas mais diversas situações.

Informações sobre a independência financeira feminina e as repercussões sobre a vida amorosa das mulheres são trazidas através de um estudo realizado por Marivete L. Secco e Michele G. Lucas,

considerando as mudanças ocorridas com a conquista do mercado de trabalho pelas mulheres. As autoras não pretendem generalizar os resultados encontrados, por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo. Sugerem a realização de novas pesquisas sobre o papel da mulher na vida profissional, social e afetiva e as interferências na organização do casal frente às mudanças atuais da vida contemporânea.

João P. F. Nüske e Alexandra G. Grigorieff escrevem sobre a alienação parental e suas repercussões no contexto familiar, atualmente uma questão de grande relevância. Este artigo utiliza o diálogo entre o Direito de Família e a Psicanálise para tornar evidente a complexidade da alienação parental e suas consequências, principalmente sobre o filho que pode ter sua estrutura psíquica muito abalada. Os autores concluem que diante da alienação parental o filho seja ajudado a se estruturar, tendo assegurado seu espaço na família através do apoio da família ampliada, da escola e, inclusive, de tratamento psicoterápico, a fim de que possa elaborar a nova realidade da convivência familiar.

Juliana Predebon e Cláudia Giongo realizam uma revisão sistemática da literatura nacional sobre a família com filhos adolescentes em conflito com a Lei. Os resultados apontam para famílias pouco coesas, com violência entre seus membros e figura parental com autoridade enfraquecida. As autoras alertam para não transformar o adolescente infrator em delinquente, sendo necessária uma avaliação dos seus aspectos individuais, familiares e sociais.

Geisa Felippi e Luciara G. Itaquí utilizam a teoria psicanalítica para entender os laços vinculares na sociedade moderna. Após as autoras discorrerem sobre este tema, referem que os sistemas simbólicos variam segundo a cultura em que estão inseridos, levando o modelo tradicional de família sofrer mudanças na aquisição de novas configurações vinculares.

Através de um caso clínico, Priscila G. Pellegrini, Isabela M. da Silva, Monica Barreto e Maria A. Crepaldi mostram que a ausência de fronteiras claras pode dificultar o processo de individuação e a aquisição de autonomia, utilizando o referencial relacional-sistêmico. Discorrem sobre os movimentos empreendidos na terapia e concluem que a terapia dentro deste referencial pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia abrindo novas possibilidades de relacionamentos.

Paulo R. Ferreira e Geraldo A. Fiamenghi-Jr apresentam a pesquisa realizada sobre relações familiares no cuidado a pessoas com transtornos crônicos. Os seus resultados mostram que as famílias mantêm uma dinâmica de apoio mútuo importante, com os seus membros participando ativamente nas decisões, demonstrando uma boa capacidade na relação afetiva, com dedicação ao cuidado do paciente crônico.

Paulo F. M. Canezin e Thiago de Almeida escrevem sobre a presença da internet e das redes sociais nas relações interpessoais e a influência que elas exercem sobre as pessoas. Descrevem também o ciúme romântico como um processo cognitivo ativado pelo medo de perda da pessoa amada. Os autores fazem uma revisão sobre a literatura que mostra as implicâncias negativas que a internet pode trazer às relações amorosas e como as redes sociais podem provocar desentendimentos graves e conflituosos.

Esses são os artigos que compõem a atual Pensando Famílias. Boa leitura!

Helena Centeno Hintz